

LAURA CASTRO
A DIVULGAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NO PORTO,
ANTES E DEPOIS DE JAIME ISIDORO

Casa Museu Teixeira Lopes – Galerias Diogo de Macedo
18 de Janeiro de 2006

Jaime Isidoro (1924) - figura complexa do meio cultural português

Figura que se desdobra em diferentes dimensões – a diferentes velocidades
– em geral quando uma é mais rápida, as outras abrandam.

- meados anos 40 – meados anos 50 – início e consolidação
actividade de pintor

- 1953 – 1986 – 33 anos - a actividade de pintor é menos notória

- 1954 – criação da Galeria Alvarez

- Anos 80 ao presente – retoma da actividade de pintor

Falar de Jaime Isidoro e da divulgação da arte contemporânea é falar da
cultura artística portuense na segunda metade do século XX.

A Cultura artística

- é feita de pensamento, de ideias, de argumentos, de crítica

- mas também de práticas artísticas – estejam elas na produção da arte
(artistas), na sua difusão (galeristas, editores, programadores), na sua
recepção (formação de públicos – que entendam e consumam a arte
contemporânea).

Portanto, dividi esta minha comunicação em duas partes

- a cultura artística do Porto antes de Jaime Isidoro

- a cultura artística do Porto depois de Jaime Isidoro

A cultura artística do Porto antes de Jaime Isidoro

ANTES DA GALERIA ALVAREZ

ANOS 10 e 20

Estavam já distantes e pouco eco tinham deixado em termos de dinamização da cidade o que podemos chamar, com algum exagero, as

I Movimentações vanguardistas:

- Exposição de Humoristas e Modernistas, Jardim Passos Manuel, 3 a 25 de Maio de 1915

- Exposição dos Fantasistas, 5 a 25 de Janeiro de 1916, Palácio da Bolsa

- II Salão dos Modernistas, 7 a 26 de Maio de 1916

- Arte e Guerra, Société Amicale Franco-Portugaise, 11 de Agosto de 1917

- III Salão de Modernistas, finais de 1919

- Salão de Modernistas, Dezembro de 1926

ANOS 20 e 30

A cultura artística faz-se de exposições e de espaços expositivos. No Porto essa missão era confiada a organismos como:

- Salão Silva Porto: Rua de Cedofeita, n   285

Fundado em 1925 por Alberto Silva, Jacinto de Magalhães e   lvaro Miranda, o Salão Silva Porto abriu como sala de exposições a que se agregou, em 1936 uma academia onde muitos artistas fizeram a sua iniciação nas artes plásticas. Em 1939 lançou-se na edição de um *Boletim*, dito "revista de arte", que teve vida curta, tendo terminado com a publicação de um 6   número em 1940.

(qualquer semelhança com a galeria de que falaremos adiante é pura coincidência)

Expunha pintores tardo-naturalistas alguns ainda vivos, outros mostrados em exposições póstumas – e cito ao acaso - Cândido da Cunha, Acácio Lino, Sousa Pinto, Carlos Reis, João Reis, António José da Costa, João Augusto Ribeiro, Ezequiel Pereira

Grupo Silva Porto – entre outros: António Saúde, Falcão Trigoso, Alves Cardoso, Frederico Ayres

- Rua das Flores - Átrio da Misericórdia:

Desde finais do século XIX que ali se expunha arte.

José de Brito, José Cavadas, Abel Cardoso, José Tagarro

- Praça do Infante - Bolsa - Associação Comercial do Porto

Exposição póstuma de António Carneiro (Abril de 1931)

- Palácio de Cristal

- Atelier Escola - Palácio de Cristal, orientado por Artur Loureiro (em Março de 1931 ia já na 29ª exposição de quadros)

Espaço de exposições: Homenagem a Aurélia de Sousa (1936)

- Casa Santos & Irmão, na Travessa das Liceiras.

As homenagens podiam ter lugar noutros espaços, como aconteceu com a consagração festiva de Sousa Pinto no Teatro S. João em Abril de 1932.

CRÍTICA DE ARTE

com tribuna nos periódicos da época, comentava contestava este ambiente em discursos laudatórios ou satíricos e até agressivos e violentos.

Escolhi algumas passagens desta última tendência para aferirmos a atmosfera cultural da cidade:

- Octávio Sérgio, caricaturista, escrevia em 1931: "eu, que conheço razoavelmente o meio em que vivo, quero crer que os artistas nacionais sofrem de um grande mal - a falta de cultura. Até há bem pouco tempo, as Escolas de Belas Artes aceitavam os candidatos a homens de génio apenas preparados com o exame de instrução primária (...) Dessa falta de cultura, ou melhor, dessa ignorância em que vivem, é que o crítico deduz a origem de tanta parvoíce, pintada à broxa larga, sem emoção, sem o pálido reflexo de uma simples ideia. O espírito é como as terras de lavradio - precisa de cultura. Como o espírito não tem nada que o anime, o Artista nacional não sai do campo objectivo. Por aí abundam paisagens, naturezas-mortas, retratos, mas qualquer coisa de grande e de nobre que fala da vida, bem ou mal é que não aparece. (Portucale, 20, Março/Abril 1931).

- Diogo de Macedo, escultor, escrevia, por sua vez, em 1934:
"Academias da Minha Terra!... Escolas de Belas Artes!... Onde estão elas? Academias livres, nem sombras. Ateliers preparatórios, nem meio. Oficinas práticas, que veleidade..." (O Diabo, 28 de Outubro de 1934).

- e Abel Salazar, pintor, criticava em 1936:
"Nos últimos anos, com efeito, caiu sobre o Porto temerosa diarreia de pintura, Reis-pais, Reis-filhos, acompanhada ora sim, ora não da sua corte e vassalagem. E mal a gente, aborrecido, sai da última exposição saturado da real bonecada, já no horizonte, ao sul, lá para as bandas de Lisboa, se

acastelam nuvens em ameaça turva de ousado ataque às gentes tripeiras, e eis, com efeito, que os jornais anunciam: "Deu-nos a honra da sua visita...etc. (...) que há-de a gente fazer em face deste duche de bonecos, pinturas e painéis, abóboras, garrafas, garrações, tigelas, caçarolas, retratos, retratinhos, retratecos" - senão gritar: - Uff! Misericórdia (...)." (O Diabo, 8 de Março de 1936).

- Exposições do Grupo Mais Além, 1929 a 1931 e

- Manifesto Mais Além

Artur Justino e Dominguez Alvarez, Guilherme Camarinha, Adalberto Sampaio, Ventura Porfírio... agitaram o meio artístico portuense elegendo como alvo de todos os confrontos o emblema do naturalismo em Portugal, Marques de Oliveira que acabava de ser homenageado pela cidade.

Movimentações tardo-naturalistas:

- Monumentos a Silva Porto, Pousão e Artur Loureiro (Grande Exposição dos Artistas Portugueses, 1935).

Em meados dos anos 30 o Porto envolveu-se numa autêntica cruzada de homenagem a três artistas - Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro. A homenagem projectada constava da oferta à cidade do Porto de três estátuas evocativas daquelas três figuras, estátuas que seriam pagas através da realização de um Grande Sorteio Nacional de Arte. Este sorteio tinha por base os originais presentes na Grande Exposição dos Artistas Portugueses, realizada no Salão Silva Porto entre 15 de Maio e 15 de Junho de 1935, para a qual 248 artistas tinham contribuído com obras de arte. Houve prémios nesta exposição e os alvos contemplados revelam bem o espírito que presidia à sua realização: Ezequiel Pereira, António Saúde, António Costa.

A exposição reuniu profissionais e amadores, com escola e sem escola, com mestre e sem mestre, principiantes e professores, paisagistas, animalistas, autores de naturezas-mortas, retratistas, com estágio parisiense ou sem ele, mas todos conferindo à sala um ar de "Salon parisiense" (O Comércio do Porto, 16 de Maio de 1935), nesta comparação exprimindo o pouco que se esperava da arte de então. Uma amostra muito completa de todos os que se dedicavam à pintura, ao desenho, à escultura e até à pintura sobre fotografia, e onde encontramos Dordio Gomes, Alvarez, Carlos Carneiro, entre outros.

ANOS 40

Deixada para trás a década de 30, na de 40, o roteiro do amator de belas artes permanecia curto.

Não muito longe da Escola de Belas Artes, que funcionara no edifício hoje ocupado pela Biblioteca Pública e passara para um edifício próprio na Avenida Rodrigues de Freitas, situava-se o atelier de António Lino, para os lados do Largo Soares dos Reis, e, um pouco adiante, na Rua que tomou o nome de António Carneiro, Carlos Carneiro ocupava o seu atelier, que partilhara com o pai desde meados dos anos 20 e onde agora pintava os seus retratos e interiores, e recebia os seus amigos, pintores e poetas incluídos.

Da zona de S. Lázaro chegava-se rapidamente à Rua de Santo António – que fora e voltaria a ser 31 de Janeiro – onde se situava a moderna Portugália que, durante os anos 40, apresentaria um dos mais interessantes programas de exposições da cidade do Porto.

A Portugália era também livraria. Sobre o cenário das livrarias vale a pena citar Pedro Homem Mello:

“Enquanto na “Tavares” [Martins] só param os com mais de trinta anos, e na “Figueirinhas” os com mais de quarenta, a “Portugália” chama a si a juventude. Os “Novos” lá entram e saem, sentam-se, fumam e discutem, sem que ninguém procure afastá-los”.

Na rua paralela, de Passos Manuel, o Salão de Festas do Coliseu era outra possibilidade. O Ateneu Comercial mantinha-se também aberto a algumas exposições e em 1957 apresentará mesmo uma selecção de obras apresentadas à I Exposição da Fundação Calouste Gulbenkian.

Atravessando para o lado oposto da Praça da Liberdade, podia avançar-se em direcção à Praça de Carlos Alberto onde, no nº 39 abria a sala de exposições da Casa Cipriano.

Continuando pela Rua de Cedofeita, mantinha-se no nº 285, uma das mais antigas salas de exposições do Porto, ainda em funcionamento – o Salão Silva Porto que apresentava o programa expositivo mais epigonal.

A CRÍTICA mantinha-se vigilante nestes anos.

- Manuel Mendes

A actividade e os recursos de que dispomos são, na verdade, mitigadíssimos. A nossa tradição artística é débil e, na maioria dos casos, inexistente quer pela pobreza dos museus que possuímos, quer pela modéstia do nosso património, quer pela fraca actividade presente... (República, 1944)

- António Ramos de Almeida

“Nunca houve no Porto tantas exposições de pintura como ultimamente. Depois do clássico Salão Silva Porto, as exposições alastraram da Livraria Portugália ao Salão de Festas do Coliseu, da elegante Casa Fantasia até aos stands de automóveis e dos átrios de cinemas, etc. etc.” Mas, acrescentava sobre o que aqui se expunha:

“Não há nada nem de novo, nem de velho. Só estafadas paisagens, estafados motivos, estafados tipos”.

(Mundo Literário, 10 Julho 1946)

- Fernando Azevedo

“A existência de autênticas galerias de arte moderna, entre nós, seria um bom índice das relações entre as artes plásticas e o público. Se tal existência não se verifica, toda a produção artística independente está forçosamente afastada dum contacto mais constante com o público.

O que por aí há relacionado com a venda de quadros modernos, só impropriamente pode ser considerado como pertencente ao género galerias de arte. Se nos reportarmos a esses locais, eles primam em ser inadequados para uma mínima apresentação decente: instalados geralmente onde sobra um pouco de espaço utilizado para outros comércios, e quando há locais próprios, sobressai então a pobreza da produção exposta. E aqui entramos a contar com a pouca elevação com que essas pseudo-galerias concorrem para informar a cultura do público interessado.

(Mundo Literário, 15 Fevereiro 1947)

A cultura artística do Porto depois de Jaime Isidoro

GALERIA ALVAREZ – 1954

O panorama caracterizado em traços largos vai sofrer alterações substanciais quando Jaime Isidoro, depois de participado deste ambiente e depois de ter exposto no Salão Fantasia, no Salão Silva Porto e na Portugália;

Depois de ter coleccionado quase todos os prémios que então eram atribuídos – 2 em 1947; 2 em 1948; 3 em 1949; 2 em 1950; 1 em 1951; 1 em 1952 e 1 em 1954,

Depois de tudo isto, Jaime Isidoro decide revolucionar o panorama cultural do Porto.

Não sabemos se quando decidiu abrir uma galeria, previa aquilo que o esperava mas o empenho com que o fez e a intenção clara com que se situou nesse panorama permitem-nos concluir que Jaime Isidoro tinha consciência do alcance do seu gesto.

O papel de Jaime Isidoro equivale um pouco ao dos galeristas que na história da arte contemporânea são chamados os “pais fundadores”.

Os primeiros galeristas, contemporâneos dos impressionistas, dos pós-impressionistas, dos cubistas são assim chamados pela função desempenhada no eclodir de novas tendências artísticas.

Era função destas galerias – descobrir os artistas (os galeristas são uma espécie de pioneiros heróicos); promover os artistas procurando atrair os clientes; sustentar os artistas, pagando-lhes obras antecipadamente; mantiveram um ideal de arte para lá das funções estritamente mercantis; acompanhavam os artistas do ponto de vista cultural – eram galeristas cultos e que participavam nas suas tertúlias...

Jaime Isidoro foi o fundador de um projecto que em muito ultrapassou o da difusão e venda de obras de arte, através de uma acção cultural que assumiu um lugar que, em certo sentido, caberia a instâncias oficiais.

Foi um galerista protector dos seus artistas; incentivou-os a viajar; comprou-lhes obras quando as exposições ficavam desertas de compradores; e um animador cultural; um homem de intervenção; visitou acontecimentos marcantes da Europa dos anos 60 e 70; rodeou-se do que hoje chamamos os comissários de exposições e de projectos culturais que com ele marcaram decisivamente o andamento da arte contemporânea na cidade do Porto e no país.

As galerias revestem-se frequentemente de uma actuação de dominante cultural, pelo menos paralela à comercial e procuram uma valorização

através de relações com críticos, com a imprensa, com editoras e preocupam-se ainda com a formação e a valorização de verdadeiras colecções. Procuram também canalizar as obras para grandes e prestigiadas colecções institucionais.

A Galeria Alvarez completava, no Porto, através da divulgação das artes plásticas, um panorama que, no teatro, era ocupado pelo Teatro Experimental do Porto e que, no cinema, era ocupado pelo Cineclube do Porto.

O historiador António Cardoso caracterizou do seguinte modo o seu aparecimento:

“A Alvarez tornara-se mais um local de encontro dos intelectuais, de alguns políticos da cidade e, muitas vezes, sala de recepção do TEP (por aí passaram, em diferentes épocas, Marcel Marceau, Ionesco, Os Jograís de S. Paulo...)

Aí se ensaiam os primeiros colóquios da cidade (com António Reis) que mais tarde ganhariam eco na Associação dos Jornalistas com a direcção de Óscar Lopes e Alberto Uva.”

A Galeria é inaugurada em Outubro de 1954 com a exposição de Carlos Botelho, a que se seguiram Semke, Hogan, Portinari, Cargaleiro e Amadeo que, desde 1916, não era mostrado. Foi a 1ª exposição póstuma de Amadeo.

Para lá da apresentação de novos artistas, a galeria esteve sempre atenta à arte do século XX em Portugal tendo realizado numerosas exposições neste domínio: Eduardo Viana, António Soares.

ACTIVIDADES GALERIA ALVAREZ

- Academia – Cursos livres – surgira no mesmo ano de 1954, seis meses antes da abertura da galeria.

Oficina de Gravura orientada inicialmente por Manuel D’Assumpção

Absorveu alunos que frequentariam mais tarde a Escola de Belas Artes.

A galeria manteve, ao longo da sua história, uma relação estreita com a Escola, recrutando recém finalistas para primeiras exposições.

- Exposições de Arte Moderna – descentralização da arte portuguesa – Penafiel, Amarante, Póvoa de Varzim,

Apoio à inauguração da Galeria Divulgação, outro espaço fundamental para a cidade que apareceu nos finais dos anos 50.

ACTIVIDADES GRUPO ALVAREZ

A partir dos anos 70 a diversidade de frentes em que a Galeria Alvarez está envolvida configura-se no chamado Grupo Alvarez.

- Criação da galeria Dois por vezes referida como Alvarez Dois - 1970

- Criação de uma galeria em Lisboa – a Galeria Tempo (1979-1982)

- Criação da Galeria Café des Arts – que funcionou no Hotel Méridien durante uma década a partir de 1985

- Orientação da galeria de arte do Casino da Póvoa de Varzim – 5 anos de funcionamento

- Revista de Artes Plásticas – 1973 e 1976 – 8 números – projecto actualizadíssimo de divulgação da arte contemporânea internacional

- Acções de rua dominantes no panorama do pós-25 de Abril – Os painéis da Boavista – assim ficaram conhecidos – executados num muro em frente à galeria por Fernando Lanhas, Carlos Carreiro, Albuquerque Mendes, João Dixo, Jaime Isidoro e dois artistas franceses

- Perspectiva 74

Funcionou como um primeiro festival internacional de arte trazendo para o nosso país um modelo de difusão artística pautado, não apenas por exposições, mas também pela performance e pelo happening, modelos de actuação artística característicos da década de 70.

Egídio Álvaro afirma:

Começou na Dois, no sábado 16 de Fevereiro, o primeiro ciclo internacional que a “carta branca” do director da galeria me permite organizar no Porto.

Chama-se Perspectiva 74 e reúne 13 artistas de 6 países (Polónia, Japão, Portugal, Inglaterra, França e Checoslováquia). Intervenções, arte conceptual, arte processo, arte ideia, arte transversal, arte lúdica, dialéctica da duração, arte da troca, arte corporal, crítica do suporte, vão suceder-se a um ritmo inesperado e pouco habitual de uma exposição por semana. O suporte tradicional, a tela, é abandonado por alguns artistas em favor de novos suportes, de novos campos de inscrição da imagem ou do acontecimento a que chamamos arte”.

Poderia continuar mas é suficiente para percebermos as tendências que a Galeria promoveu na cidade e a distância relativamente ao panorama anterior.

- Encontros Internacionais de Arte

Realizados pelo Grupo Alvarez com a figura fundamental de Egídio Álvaro
Realizados, a partir dos II, com o apoio da SEC e da FCG e das respectivas Câmaras

Em 17 e 18 de Agosto a Casa da Carruagem de Valadares servia de cenário aos artistas que assinaram o chamado Manifesto de Vigo de que saíam estes Encontros. No documento assinado as palavras subversão, revolução, provocação, intervenção, norteavam propósitos que haveriam de se concretizar nos anos seguintes sob a protecção e a guarida de Jaime Isidoro.

Valadares – 1974

Viana do Castelo – 1975

Póvoa de Varzim – 1976

Caldas da Rainha – 1977

Vila Nova de Cerveira - 1978

Bienais de Vila Nova de Cerveira – 1978

Criada na sequência dos Encontros Internacionais realizados no mesmo local e a I Bienal funcionou em paralelo com os Encontros

Surgiu como actividade apoiada pela Câmara Municipal associada às Festas do Concelho. A ideia era criar ateliers de expressão artística e experimentação, uma feira de arte.

I Bienal – 1978

II Bienal – 1980

III Bienal Internacional – 1982

IV Bienal Internacional – 1984

V Bienal Internacional – 1986 (com José Rodrigues)

VII Bienal Internacional – 1992

Vou concluir como comecei:

Há um panorama da arte portuguesa – no que respeita à sua difusão e recepção pública – ANTES E DEPOIS DE JAIME ISIDORO.

Parece-me mais do que suficiente para dizer da sua importância para o nosso país.